

UM ESTUDO COM QUADRINHOS PARA O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA

Rosa Maria Aparecida Nechi Verceze (UNIR)
rosa_nechi@hotmail.com

RESUMO

Os gêneros textuais, por seu caráter genérico, são um termo de referência intermediário para a aprendizagem. Assim, o trabalho com gêneros textuais em sala de aula pode ter sucesso, sempre que os gêneros textuais venham a ser intermediados como instrumentos para a aprendizagem de outras possibilidades da língua materna, levando o alunado, através de textos, a construir conhecimentos baseados no uso cotidiano da língua e nos textos circulados pela mídia. Dessa forma, o estudo visa a disponibilizar parâmetros de estudos ao professor da educação básica, contribuindo com sugestões de atividades pedagógicas voltadas para o ensino da Língua Portuguesa, a partir de duas historietas em quadrinhos, em formato de tiras, pelas quais se podem oportunizar uma reflexão sobre a língua portuguesa (LP) e sobre o ensino de língua, com questões tais como a leitura e a compreensão de textos.

Palavras-chave:

Quadrinhos. Gêneros textuais. Ensino de Língua Portuguesa.

ABSTRACT

Text genres, due to their generic character, are an intermediate term of reference for learning. Thus, the work with textual genres in the classroom can be successful, whenever the textual genres come to be intermediated as instruments for the learning of other possibilities of the mother language, leading the students, through texts, to build knowledge based on the use everyday language and in the texts circulated by the media. In this way, the study aims to provide study parameters to the teacher of basic education, contributing with suggestions of pedagogical activities aimed at the teaching of the Portuguese language, from two comic strips, in the form of strips, through which a reflection on the Portuguese Language (LP) and on language teaching, with issues such as reading and understanding texts.

Keywords:

Comics. Textual genres. Portuguese Language Teaching.

1. Introdução

Enquanto espaço de socialização da cultura, a escola se constitui no lócus privilegiado de um conjunto de atividades que, de forma sistematizada e continuada, produz a formação inicial dos indivíduos, consentindo-lhes uma posição elevada frente ao mundo. Trata-se de um espaço novo, favorecedor, cercado por conhecimentos em movimento, que apre-

senta as possíveis realidades e as concepções mais aceitas sobre os acontecimentos do mundo. E ainda constitui um lugar de crítica para oferecer e receber divergências e crescimento das experiências, no qual os processos de socialização indicam ascensão para conhecimentos e saberes necessárias para maior integração social.

As interações sociais desenvolvidas no espaço escolar auxiliam os indivíduos, sobretudo crianças e jovens, na compreensão de si mesmos e dos demais, enquanto sujeitos sociais e históricos que cada qual se institui, construindo e reconstruindo a cultura e a língua, contribuindo para edificar uma base de vivência necessária para a sua cidadania.

Certamente, apropriar-se dos conhecimentos disponíveis amplia o desempenho social do aluno, apesar de a aprendizagem ser vista como um processo de desigualdade, devido a sua influência por fatores externos e internos, seja no âmbito social ou no político.

Nessa perspectiva, a escola tem um papel desafiador diante a sociedade e deve proporcionar aprendizagens significativas e diversificadas ao lidar com as diferentes áreas do conhecimento, como biologia, matemática, história e outras. Entre as várias áreas de conhecimentos, priorizamos a área de Língua Portuguesa (LP), partindo do que rege os PCNs para a (LP) e considerando as atuais evidências como o fracasso escolar que evidencia a necessidade de uma reestruturação não só no ensino de (LP), mas no ensino na sua totalidade.

O estudo deste capítulo se concentra na área de Língua Portuguesa, visando disponibilizar ao professor da educação básica, estudos, a partir de dois quadrinhos em tiras, pelas quais se podem oportunizar reflexões sobre o ensino de Língua Portuguesa com questões: leitura e compreensão de textos; construção de texto escrito e o trabalho com o texto falado. A metodologia utilizada para a análise se constitui de uma tira de Garfield, cujo autor é Jim Davis, criada em 1978, o gato Garfield nos quadrinhos, personificando uma figura com traços disformes, bochechas enormes e olhos pequenos e cor de caramelo. Com relação à personagem Armandinho, seu articulista é Alexandre Beck, criado em 2009, garoto de cabelo azul, inteligente, que vê o mundo por uma ótica diferente.

Os PCNs apresentam propostas que garantam a aprendizagem da leitura e da escrita dentro da realidade do aluno, envolvendo os conteúdos como parte de sua vida cotidiana, que haja uma identificação entre o aluno/conteúdo.

Uma das possíveis saídas para esse tipo de trabalho e que se pode utilizar vários tipos de linguagem, num teor visual e crítico, são os quadrinhos. Com sua linguagem cômica e cheia de icônicos desperta a curiosidade de crianças e jovens. Por isso, pode se torna possível um trabalho contextualizado e diferenciado que possa enriquecer e ressignificar as práticas pedagógicas da sala de aula.

Os Quadrinhos já fazem parte do ambiente escolar; teve um tímido início com a implementação dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs). Atualmente, HQs estão presentes em livros didáticos, gramáticas, revistas, concurso públicos e na avaliação do ENEM, entre outros.

2. *Quadrinhos como formato consagrado*

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) apresentam propostas preconizando que as aulas são capazes de garantir a aprendizagem da leitura e da escrita dentro da realidade do aluno, envolvendo os conteúdos como parte da sua vida cotidiana, devendo-se verificar uma identificação entre o aluno e o conteúdo.

Nesse sentido, uma das possíveis saídas para esse tipo de trabalho, que pode se utilizar de vários tipos de linguagem num teor inovador, ao mesmo tempo visual e crítico, são os Quadrinhos, carinhosamente conhecidos no Brasil como HQ. Com a sua linguagem cômica e cheia de elementos icônicos, desperta a curiosidade de crianças e jovens. Por isso, pode-se tornar possível um trabalho contextualizado e diferenciado, capaz de enriquecer e ressignificar as práticas pedagógicas da sala de aula.

Os Quadrinhos não são novidade; já fazem parte do ambiente escolar há décadas; foram acolhidos, contudo, com um tímido início teórico, com a implementação dos PCN. Atualmente, HQs estão presentes em livros didáticos, em gramáticas, em revistas informativas, nas provas de concursos públicos e na avaliação periódica do ENEM, sem qualquer dificuldade de acesso ou limite de público.

São bem aceitos, no âmbito dos gêneros textuais, ocuparam um lugar em que se acham teorias sobre as intenções comunicativas típicas, e, por elas, as necessidades de formatos diferenciados de interação entre os sujeitos. Desta forma, uma vez que todo ato discursivo se manifesta de acordo com um dado gênero, o gênero HQ se torna lugar de contato privilegiado com o outro, porque ocorre o tipo visual com maior ênfase. Este primeiro contato envolve confronto de valores, ora apego, ora despre-

zo, ora estima, ora desvalor, calando fundo, porém, se a escolha obedece à razão temática do tema discutido, segundo contato, deve-se dizer que o tema é um dos muitos aspectos que desencadeiam posições discursivas mediadas por gêneros discursivos, no seio dos quais as HQ ganham timbre de “intervalo” textual, como que um momento de oxigênio ao peso das discussões.

Marcuschi (2005, p. 21) afirma que os gêneros contribuem para estabilizar, sequenciar e ordenar as atividades comunicativas do nosso cotidiano. Assim, o autor postula que os gêneros são “entidades sociodiscursivas” e formas de ação social incontornáveis em qualquer situação comunicativa”.

Dado que os gêneros são formas de ação social, entendemos que o gênero advém da produção da linguagem durante a comunicação. Assim, a linguagem estabelece uma forma ao gênero: “Toda manifestação verbal se dá sempre por meio de textos realizados em algum gênero” (MARCUSCHI, 2008, p. 154).

Para Bakhtin (1992), o gênero se define como “tipos relativamente estáveis de enunciados”, elaborados pelas diferentes esferas de utilização da língua. Considera este autor três elementos básicos a configurar um gênero discursivo: conteúdo temático, estilo e forma composicional. Nas condições de produção dos enunciados e dos gêneros discursivos, inserem-se as intenções comunicativas e as necessidades sociointerativas dos sujeitos nas esferas de atividade em que o papel e o lugar de cada sujeito são determinados socialmente.

Dessa forma, Bakhtin, ao conceituar gênero, assegura serem os gêneros capazes de admitir certo “poder normativo” para os usuários da língua, no estabelecimento das suas escolhas linguísticas na interação, ou seja, fornecem preceitos para que os usuários da língua, seja ela oral ou escrita, norteiem as suas escolhas durante o processo comunicativo. Por possuírem uma função modeladora de enunciados discursivos, os falantes recorrem a eles nas diversas situações de interação.

Marcuschi (2005), por sua vez, afirma que “ao escolher um gênero, já se escolhe aproximadamente uma forma textual, mas a recíproca não é verdadeira. Não há relação de biunivocidade entre texto e gênero”. O nosso autor, ao perguntar quais as relações existem entre a forma textual e os propósitos do gênero, introduz elementos de cunho discursivo que vão além da textualidade em si. Nesse sentido, Sobral (2005), partindo de Bakhtin, alega:

Os textos são o plano material de realização dos discursos e gêneros... [e] o que [os] mobiliza são as estratégias discursivas, que lhes impõem inflexões e formas de realização/estruturação a partir de um dado projeto enunciativo, de uma dada estrutura arquetônica, [unindo elementos] estáveis e instáveis, objetivos e subjetivos, cognitivos e práticos, textuais e discursivos/genéricos. (SOBRAL, 2005, p. 45)

Por outro lado, conste que as estratégias cognitivas presentes aos textos são táticas de uso de conhecimento cultural partilhado. E o emprego do formato depende, em cada situação de fala, dos objetivos, da quantidade de conhecimento disponível, das crenças, de opiniões e de atitudes que se desejem destacar. As inferências ligadas às estratégias geram informações novas subjacentes ao texto na estrutura de superfície; a intertextualidade, por sua vez, torna necessário explicitar no texto o conhecimento que seja mais relevante.

O gênero textual deve ser focalizado pelo professor no interesse do ensino, por meio de buscar uma imediata análise do texto, salientando a materialidade versátil da língua, e ao menos tempo fazer ocasionar a reflexão acerca dos processos de significação que operam por meio das inferências específicas de cada autor, estilo e ocasião.

Neste sentido, o conhecimento é construído efetivamente com a junção de teoria e prática, e, no que se refere ao ensino da língua materna, quando o aluno se depara com textos oriundos de exemplificações da vida cotidiana, pode perceber a funcionalidade dúctil da língua e assim utilizá-la melhor, de forma cada vez mais competente. Neste sentido, Schnewly e Dolz (2004) afirmam:

A aprendizagem da linguagem se dá, precisamente, no espaço situado entre as práticas e as atividades de linguagem. Nesse lugar, produzem-se as transformações sucessivas da atividade do aprendiz, que conduzem à construção das práticas de linguagem. Os gêneros textuais, por seu caráter genérico, são um termo de referência intermediário para a aprendizagem. Do ponto de vista do uso e da aprendizagem, o gênero pode assim, ser considerado um mega instrumento que fornece um suporte para a atividade, nas situações de comunicação, e uma referência para os aprendizes. (SCHNEWLY; DOLZ, 2004, p. 75)

Dessa forma, o trabalho com gêneros textuais em sala de aula pode ter sucesso, sempre que os gêneros textuais venham a ser intermediados como instrumentos para a aprendizagem de outras possibilidades da língua materna, levando o alunado, através de textos, a construir conhecimentos baseados no uso cotidiano da língua e nos textos circulados pela mídia.

O emprego de diversos gêneros, com ênfase no sujeito e na experiência local, é proposta dos Parâmetros Curriculares Nacionais, nesta versão datada ainda de 1998, que visam com essa prática fazer com que os alunos se familiarizem com a diversidade de gêneros textuais e assim desenvolvam maior habilidade de leitura, ampliação da interpretação e, possivelmente, ampliar o interesse pela produção de textos que domine. É com esse contato com textos diversos que se obtêm subsídios para que alunos ampliem tanto o seu poder de interpretação como de produção. Neste contexto, os Parâmetros Curriculares Nacionais (de 1998) afirmam:

A noção de gênero, constitutiva do texto, precisa ser tomada como objeto de ensino [...], e não apenas em função de sua relevância social, mas também pelo fato de textos pertencentes a diferentes gêneros são organizados de diferentes formas. A compreensão oral e escrita bem como a produção oral e escrita de textos pertencentes a diversos gêneros, supõem o desenvolvimento de diversas capacidades que devem ser enfocadas nas situações de ensino. (BRASIL, 1998, p. 24)

Sendo assim, os Parâmetros Curriculares Nacionais abordam dois eixos para o ensino da língua: o uso da linguagem, por meio das práticas de escuta, leitura e produção de textos orais e escritos; e a reflexão sobre a língua e a linguagem. Apontam assim aos gêneros discursivos como objeto de ensino e os textos surgem como dotados de uma face da unidade de ensino. Os textos, organizados dentro de um gênero, constituem-se como enunciados concretos e únicos. Conservam marcas estáveis, que os identificam ao longo da história e trazem diferenças determinadas pelos diferentes interlocutores, pelo tempo e espaço únicos de cada uma das situações concretas.

Fica evidente que, no âmbito dos gêneros textuais, os Quadrinhos já vêm de longe admitidos como um formato consagrado para o processo ensino / aprendizagem no Brasil.

3. *Quadrinhos como gênero textual*

Para Marcuschi (2005), os gêneros textuais se caracterizam pela relação social que desencadeia uma situação sociocomunicativa, fato que determinam, de per si, tendo os gêneros, surgidos em suporte papel, adaptados, atualmente, aos meios de comunicação virtuais, como nas mensagens de e-mail, que rapidamente transformou a relação social dos usuários, advindo o surgimento de blogs, chats, bate-papo, whatsapp, facebook, etc., todos caracterizados pela comunicação interpessoal direta,

pelos quais predominam critérios de ação prática, funcionalidade da língua, estilo e conteúdo.

Dessa forma, considera-se normal admitir os Quadrinhos como um gênero textual que obedece essa singularidade de facilitar a imediatiz, porque, além de serem formas verbais da comunicação social relativamente estáveis, apresentam características de gêneros discursivos primários com diálogos e gestos, que circulam em textos bem situados no *midia*, possibilitando a conversação, a análise da imagens e visando a possibilidade de buscar interpretações no imaginário e no iconográfico – como repertório de imagens.

Diga-se que os gêneros textuais compõem dois grupos: os primários e os secundários. Os primários são os que se constroem em situações espontâneas de uso da linguagem, como as situações das conversações do cotidiano. Os secundários são estabelecidos pelo uso da escrita, por formas padronizadas de organização da linguagem e porque se fundam no fato de exercerem funções formalizadas, na construção da cultura, no seio de uma civilização.

A partir desses parâmetros, pode-se dizer que os Quadrinhos constituem textos narrativos em quadros sequenciados em linha, as tirinhas, com uma linguagem que utiliza o discurso direto para representar a língua falada em situações de interação face a face. As suas imagens como elementos visuais contribuem para a compreensão da fala. A maior parte das historietas em quadrinhos tem por objetivo censurar valores sociais, em grande parte com matiz humorístico.

A inclusão dos Quadrinhos no ensino escolar iniciou há décadas, mas obteve legitimidade institucional a partir da sua admissão qualificada nos Parâmetros Curriculares Nacionais, com um uso que passou a ser “mais necessário”, para dizer de alguma forma. Para os PCN, as HQ, ou os Quadrinhos, possuem características que tornam o seu uso relevante com um diferencial: valoriza o caráter inferencial direto da linguagem; as junções de palavras e de imagens ajudam na interpretação; a possibilidade de ampliação do léxico se dá pela qualidade das escolhas. Diversas outras vantagens são aventadas na área.

Devido às suas, os Quadrinhos têm grande aceitação desde sempre no âmbito escolar, muito embora houvesse singular reação no início. Esse aspecto da aceitação generalizada moderna é impulsionado pelo trabalho didático-pedagógico na sala de aula. Isso se deve a que os Quadrinhos se tornaram um gênero bastante agradável de ler, dado que passa-

ram a possuir um conteúdo bem humorado, a par com a sua linguagem simples e curta, direta e inteligente, possuindo especial capacidade de atuação, com uma linguagem que desperta o imaginário em todas as idades, ativando o sistema cognitivo da criança, do adolescente ou do adulto. E por se utilizar de recursos como metáforas, onomatopeias e uma estrutura narrativa com mensagens icônicas e linguística acessível, ou só icônicas, a somatória é dificilmente superada por outro gênero.

É fato que, com relação aos balões, torna-se importante contributo multisignificativo, porque os há de diferentes tipos e com distintos conteúdos. Com as letras junto aos sinais onomatopaicos e sinais verbais como interjeições, por exemplo, revelam emoções e sentimentos na personagem, além de transmitir, sobretudo, humor e sentimentos fortes.

Para Ramos (2006) as HQ são consideradas pelos PCN como um texto adequado para levar a cabo um trabalho com a língua falada e a escrita, porque o professor pode, por meio deles, desenvolver a capacidade de interpretação a partir de leitura plural dos alunos, visto que a estrutura dos Quadrinhos, com a sua linguagem escrita, se aproxima da língua falada.

O diálogo nos Quadrinhos com personagens reconhecidos, pela repetição no seu uso, facilita a leitura, auxiliando mais fácil compreensão pelos alunos quando se deparam com esse gênero. Além de ativar a compreensão do tema, reconhecem a fala dos personagens e se identificam com o conteúdo, culturalmente evidente, e mcada espaço social de referenciamento.

A linguagem dos Quadrinhos em tiras, dotados de conteúdo verbal ou não verbal, pode-se apresentar como um forte elemento da significação social, que permite, por meio da sequência da historieta representada dia a dia nos desenhos, mostrar o poder criativo e comunicativo do gênero. Por sua vez, a linguagem se coloca, com sua força constitutiva e criadora, em destaque, e dispõem-se formas linguísticas típicas, para afinal o conjunto produzir uma narrativa, que, considerado o contexto cultural e histórico, será interpretada pelos leitores com maior pertinência conforme a localização identitária do enunciado.

Marcushi (2008) afirma que as HQs se realizam através do escrito, mas buscam reproduzir a fala (geralmente conversa informal) nos balões, com a presença constante de interjeições, reduções, vocabulares etc. De acordo com Antônio Luiz Cagnin (1975), esclarece, acerca da constituição dos Quadrinhos, que a forma sonora derivada da gráfica é conven-

cional, porque não conservam nenhuma semelhança com o objeto representado. As imagens sempre são signos análogos e contínuos porque apresentam semelhanças com o objeto representado, o que ocasiona a impressão da proximidade com mundo real.

Dessa forma, a proximidade do objeto representado com o mundo real passa a ser o centro da importância pedagógica dos Quadrinhos, pois oferece uma leitura, cujo significado das suas parcelas, os quadradinhos não é unidirecional, linear, como na fala, que é contínua; porém apresenta a significação de um todo – uma totalidade de sentidos – densa, bem próxima da maneira de como se vê e entende os objetos reais. Consiste, assim, num inventário aberto de sentidos, como o dos próprios signos linguísticos.

A motivação intrínseca de um aluno em favor da leitura dos Quadrinhos, devido às palavras e imagens aguçarem a sua curiosidade, é a facilidade inicial, como se fosse um intervalo, fazendo-o prosseguir com a leitura até desvendar o enigma da sequência das inferências típicas de cada tira. Assim, surge a importância dos Quadrinhos para o ensino. Vergueiro e Rama (2006) atestam sobre isso:

As histórias em quadrinhos aumentam a motivação dos estudantes para os conteúdos das aulas, aguçando sua curiosidade e desafiando seu senso crítico. A forte identificação dos estudantes com os ícones de cultura de massa – entre os quais se destacam vários personagens dos quadrinhos –, é também um elemento que reforça a utilização das histórias em quadrinhos no processo didático. (VERGUEIRO; RAMA, 2006, p. 21)

Neste sentido, a abertura de possibilidades que os Quadrinhos fornecem para a sala de aula é imediatamente perceptível, posto que o alunaado pode desenvolver significativamente as leituras complementares, interpretando inferências textuais derivadas, aguçando a sua imaginação criativa, por meio das metáforas ou de analogias na linguagem, diversificando e enriquecendo os sentidos textuais para a criação de ideias; e ainda aprofunda o viés literário, da sua própria criatividade na leitura dos ícones e desenhos.

Dessa forma, as estratégias cognitivas presentes nos HQs são táticas de uso de conhecimento cultural partilhado. O sentido ativo e gerado depende da situação de fala, dos objetivos, da quantidade de conhecimento disponível, das crenças, de opiniões e de atitudes que se desejem revelar. As inferências ligadas às estratégias geram informações novas subjacentes ao texto na estrutura de superfície; a intertextualidade, por sua vez, se torna necessária para explicitar no texto, o conhecimento que irá se tornar mais relevante.

Marcuschi (2008), enfatiza que cada gênero possui uma leitura e uma compreensão diferente, não se pode ler uma notícia de jornal como a um artigo científico. Por isso, os gêneros não constituem simples formas textuais, mas formas de ação.

Os efeitos de sentido num determinado gênero são produzidos pelos leitores – ouvintes num trabalho interativamente construído, uma vez a compreensão que é originada do conhecimento do leitor/autor e falante/ouvinte, trazidos da relação entre ambos e das atividades desenvolvidas durante a comunicação.

Sendo assim, as inferências permitem a geração de novas informações semânticas, considerando as informações conhecidas, porque somente partes das informações de diversas operações cognitivas são explicitadas na superfície textual, ficando grande parte delas implícitas. Por isso, as inferências consistem em estratégias mediante pelos interlocutores ou leitores/escritores que tomam como base as informações veiculadas na superfície textual e em conta o contexto de fala ou escrita, podem construir novas representações.

Por isso, a contribuição do processo inferencial na constituição dos gêneros é fundamental, visto que as inferências são processos cognitivos que funcionam como hipóteses coesivas para os indivíduos durante o processamento textual.

4. *Quadrinhos e a sua utilização no ensino de Língua Portuguesa*

Qualquer produção de texto não pode ocorrer no vazio. O texto sempre está relacionado a algum outro texto já construído por outrem, ao que se pode chamar de “intertextualidade”. Por isso, todo texto se organiza dentro de um gênero textual, como repetem os PCN (1998, p. 23).

Desse modo, os gêneros textuais diversificados devem fazer parte das aulas de língua portuguesa para fornecer aos alunos uma diversidade de textos que lhe proporcione desenvolver a sua competência comunicativa.

Contudo, professores enfrentam obstáculos atualmente com a leitura e a produção de texto dos alunos, dada a ampliação dos meios informacionais, que não facilitam tempo à redação, e isso necessita ser solucionado. Essa barreira tende a diminuir, administrando-se em aula os Quadrinhos como um recurso pedagógico que já vem sendo muito praticado para o exercício da leitura, além de empregado para a interpretação

de textos, de forma a levar o alunado a fazer inferências textuais e desencadear debates; e também para o estudo da análise linguística, acerca de determinados elementos da gramática: estudos do léxico, dos vocabulários, dos verbos, de concordâncias, de figuras de linguagem, etc.

Os Quadrinhos facilitam o trabalho pedagógico porque apresentam uma linguagem com fácil e fluente leitura, e também apresentam conteúdos diversificados, o que leva o aluno a uma interpretação crítica da atualidade, uma vez que lhe propicia descoberta de sarcasmo, implica envolvimento imediato, quando a ironia aflora, impactando pelos temas políticos e sociais atualizados ou atualizáveis, se selecionados exemplos propícios para a sala de aula de modo atemporal. Além de contribuírem para o enriquecimento do vocabulário, por si só um grande interesse dos conteúdos escolares, estimulam a curiosidade e o senso crítico para discussões futuras: tornam-se verdadeiros (pre)textos.

Com efeito, as histórias em quadrinhos, tirinhas unissignificativas ou sequenciadas, constituem ferramentas pedagógicas fundamentais se bem apropriadas pelo professorado, nesse momento em que a imagem e a palavra, e cada vez mais, tornam-se associadas (como nas figuras das postagens do *Facebook*), para a construção de sentido nos mais variados contextos comunicativos.

5. *Trabalhando com Quadrinhos na Leitura e na Compreensão de Textos*

Para um trabalho pedagógico com Quadrinhos em tiras, direcionado para a leitura e a compreensão textual, analisaremos uma tirinha de Garfield, na qual pretendemos discutir as inferências do texto escrito apresentado nos balões, que representam o discurso direto, e também nas imagens representadas pela transcrição da Figura 1.

Figura 1.



Observamos nessa tirinha que não há diálogo entre os participantes. O uso de balões em formato de nuvem com as bolinhas direcionadas

ao peixinho no aquário mostra o seu pensamento, indicando que a linguagem dos balões se refere ao sofrimento (tranquilo) do peixinho, como que afeito ao seu papel de fugir num espaço que não é possível usar para fugir. A expressão facial de ambos os personagens, Peixinho e Garfield, faz com que o leitor crie inferências, a respeito do que Garfield está pensando (de mau, mas em ambiente familiar e rotineiro) e constroi sentidos para os textos verbal e não verbal, transmitindo o pensamento (igualmente cúmplice da farsa) do Peixinho. A expressão facial de Garfield muda no último quadro, quando mostra a intenção de querer devorar o peixinho deixando-o apavorado e sem saída, já que está num aquário. Neste exemplo, a função social da tirinha consiste mais do que em divertir o leitor, trata-se de um gênero humorístico com um forte significado de crítica social da rotina de um lar que passa a ser um local adaptado aos valores nada urbanos de espaço de caça e pesca.

Evidente que estas inferências iniciais podem ser ampliadas, conforme o ano escolar do alunado. Com o seu trabalho pedagógico, o professor pode explorar outras interpretações da situação do Peixinho, trazendo algum exemplo da vida real. Na fala do último balão: “Acho que esse plano tem uma pequena falha”, leva-se o leitor a formular inferências e desdobramentos, implícitos ou explicitados já com base na realidade. Pode-se inferir que, na vida real, as falhas são constantes, mas evidentes, se houver mínimo raciocínio; sempre houve base e haverá saída para um plano que falhe; há outros planos em ação. Assim, também levar os alunos a pensar que haveria saída para o Peixinho pensar em sair do aquário a fugir é uma interação filosófica que pode ser mais ampliada, podendo-se expandir da leitura para a escrita.

A imaginação dos alunos encontrará saídas, assim como na vida encontramos soluções para todas as dificuldades com que nos deparamos. O Peixinho depara com um vidro do aquário (que deveria ser evidente) que o impede de sair para fugir do Garfield. Podemos comparar a um ser humano ou animal qualquer, que muitas vezes precisa fugir ou escapar para desvendar o mundo e se libertar, mas possui barreiras insuperáveis que poderiam ter sido previstas com anterioridade.

O professor pode solicitar aos seus alunos, depois da leitura e da interpretação, que escrevam uma outra história contando o que o “Peixinho fez depois que saiu do aquário”, por exemplo. Todo ser humano possui a sua própria leitura de mundo, e mesmo a criança que ainda está em fase de aquisição da linguagem precisa ser incentivada na sua múltipla

interpretação e visar novos desdobramentos de um final. Nessa ótica, podemos mencionar Paulo Freire (1988), postulando que

[...] a leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto. (FREIRE, 1988, p. 11)

Cada pessoa é um ser histórico-social, isto é, cada pessoa ativa uma compreensão verbal quando faz a ligação do que foi dito com a sua própria vida. Tal fato leva a crer que os sentidos são construídos a partir do conteúdo que é lido, mas a partir também de cada grupo de experiências significativas. O mesmo Paulo Freire (1988) possibilita refletir sobre as interações havidas em cada historieta usada em sala de aula. Diz ele que as interações verbais ocorrem a todo o momento entre aluno e professor, e em cada diálogo com as suas diferentes experiências cotidianas, com as suas subjetividades, possibilita haver a reciprocidade de conhecimentos da própria linguagem, o que influencia na interpretação das leituras, de modo singular no uso dos diferentes gêneros textuais.

Os gêneros textuais que melhor atingem a personalidade do alunado devem ser priorizados, e devem circular na sala de aula a merecer destaques para uso público, sempre que circulem socialmente, no ambiente. Assim, o alunado no seu cotidiano pode deparar com esses gêneros, como é o caso (para além da tirinha trazida à sala), da revista em quadrinhos, das charges de jornais, obtidas em ambientes virtuais, repassadas imediatamente por *Whatsapp*, etc., sempre com importância efetiva na escola.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (1998) oferecem diretrizes que orientam, de certa forma, essa abordagem:

Portanto, é preciso priorizar os gêneros que merecerão abordagem mais aprofundada. Sem negar a importância dos textos que respondem a exigências das situações privadas de interlocução, em função dos compromissos de assegurar ao aluno o exercício pleno da cidadania, é preciso que as situações escolares de ensino de Língua Portuguesa priorizem os textos que caracterizem os usos públicos da linguagem. Os textos a serem selecionados são aqueles que, por suas características e usos, podem favorecer à reflexão crítica, o exercício de formas de pensamento mais elaboradas e abstratas [...] (PCN, 1998, p. 24)

Os Quadrinhos se tornam cada vez mais utilizados no ensino da leitura e da produção textual, além de outros gêneros que vem tomando frente – gêneros textuais multimodais. Isso precisa se tornar um trabalho cada vez mais desafiador para o professor em aula. No entanto, os Qua-

drinhos com a utilização de palavras, imagens cores, tem trazido uma ferramenta eficaz para o professor desenvolver com seus alunos diversas modalidades de leitura, produção e estruturas da gramática.

A leitura e interpretação por meio dos Quadrinhos permitem trazer informações que precisam ser assimiladas e os alunos carecem desenvolver a capacidade de compreender e interpretar as diversas maneiras de significados no texto, próprios da imagem, da palavra e das relações que mantêm.

6. Trabalhando com Quadrinhos na Construção de Textos

Os Quadrinhos podem ser utilizados, como acima consta, para a redação, na construção de textos pelos alunos. Trata-se de um recurso didático, já incorporado pelo conjunto dos PCN, e que congrega em qualquer área do conhecimento valores e formatos para compor uma parte do conteúdo do currículo escolar. Na área específica de Língua Portuguesa, as tiras podem contribuir para a construção de textos escritos, visto que através da leitura das tiras, os alunos podem relacionar a conteúdo com sua leitura de mundo e extrair sua interpretação. É possível assim ativar processos cognitivos, acionar a imaginação e a criatividade, por meio do uso intencional das tiras nas aulas de língua, o que pode levar a potencializar a escrita do alunado, destacando-se tanto a norma culta como tornar o uso de certa “norma de uso” (tipo a do Chico Bento ou a do Cebolinha) como diferencial qualificador da outra, padrão, e favorecer um leitor mais consciente e crítico dos diversos formatos da linguagem.

O professor, assim, pode-se utilizar, por exemplo, de uma tirinha como a apresentada de Armandinho, publicada por Alexandre Beck, para trabalhar a leitura e a construção de textos. Com possíveis discussões, a partir da tira, com o escrito e as imagens nela contidas, torna-se oportuno contextualizar o tema. Por exemplo, na Figura 2.

Figura 2.



Parece se evidenciar que a fala de Linda quer significar que as mulheres podem jogar futebol e fazer muito mais coisas do que fixar-se na descrição física valorativa. Armandinho volta a cabeça para trás para ver Linda e fica olhando para ela com vergonha e despeito. Ela, com o pé em cima da bola, numa posição de superioridade, infere a Armandinho a fala “Acorda Garoto!”, vista através da sua expressão facial.

A partir dessa leitura e da discussão do tema, abrem-se hipóteses temáticas para a elaboração da aula de Língua Portuguesa no expediente redação: o professor pode organizar um roteiro na lousa, ou trazer um texto no whatsapp, embora talvez seja mais interessante construir juntamente com o alunado o roteiro de um texto, com a construção das infêrências da figura feminina – a mulher na sociedade, por exemplo, nessa tira. Mostrar ao corpo docente a importância do trabalho da mulher na sociedade atual e o porquê de ela ter passado a ocupar cargos e funções como jogadora de futebol, ou jogadora de vários outros esportes, empresária, gerente de banco, de loja, de empresas, além de presidência da República (não somente no Brasil, mas no Chile, na Alemanha, Reino Unido 1ª Ministra/...), educadora, aeromoça, etc.

Em posse do roteiro o alunado pode construir textos argumentando sobre o trabalho da mulher **também** fora de casa, implicando as questões salariais, diferenças na idade para aposentadoria, etc.

O roteiro pode ser feito com palavras, expressões e até um parágrafo todo. Tudo que cada aluno queira dizer deve ser considerado, reorganizado linguisticamente pelo professor e destacado no quadro branco. Esta atividade propicia um momento de aprendizagem da língua escrita pelos alunos. Eles irão aproveitar naturalmente partes do conteúdo colocado na lousa para o seu texto. Natural! Estão em frase de aquisição da língua escrita.

Ainda é possível trabalhar subtemas da tira, o docente encontra possibilidade de atividades que se interligam entre si. Pode-se desenvolver atividades como: a função do homem no mercado de trabalho; o machismo, Armandinho se sentiu envergonhado por quê? Textos que argumentem os direitos iguais das mulheres e dos homens, por exemplo.

As tiras consistem em histórias divertidas e muito ilustradas e isso contribui para o estímulo da leitura e da produção de texto, podendo se tornar uma leitura crítica para alunos, dependendo da abordagem e do enfoque da discussão que o professor dirija durante a exposição e o diálogo com os alunos. Certamente irá desenvolver a criticidade, aprofundar os

conhecimentos entre outras habilidades, além de contribuir para o desenvolvimento da escrita, aprimorar o vocabulário, a ortografia, e contribuir para perceber as diferenças de uso da linguagem escrita e fala.

Por isso, com as tiras, tratando de uma infinidade de temas, com uma diversidade de personalidades, com grande variedade de pensamentos que exercem papéis narrativos numa dada época, num tempo e num espaço determinado, e por meio de falas a transmitir num tom irônico situações da vida cotidiana, tem-se um manancial de riquezas educativas.

Esse gênero textual constitui na verdade uma forma completa de comunicação social rápida, urgente. Devido aos processos de globalização, o avanço cada vez maior da tecnologia da informação, as constantes mudanças, torna-se necessário engajar cada aluno por meio de ferramentas pedagógicas mais atrativas.

Nesses parâmetros, os Quadrinhos em tiras consistem em um instrumental pedagógico bem diversificado, como forma e como conteúdo, e os alunos, porque já possuem contato com esse gênero ao chegar à escola, não precisam de maior prontidão para a abordagem de sala de aula. Assim, agregar esse gênero textual lúdico no processo de ensino desenvolverá sem dúvida melhor competência técnica no uso da palavra escrita. Textos de fácil compreensão e com presença da ludicidade facilitam a escrita do alunado, porque é mais compreensível e, em consequência, proporciona mais proximidade com o escrever após a análise de textos em quadrinhos.

7. Considerações finais

Sabemos que o professor, hoje, enfrenta muitos desafios na Educação e tem buscado uma diversidade de alternativa para superar as dificuldades porque sabe o quão difícil está manter o alunado ativado numa sala de aula, devido a problemas políticos, econômicos e sociais, especialmente nesta época de *midia* comunicativa na mão de todos, em que o país vive. Mas principalmente porque não se possui mais o apoio dos pais, como antes, nos bastidores da escola.

Assim, repensar as práticas pedagógicas, sobretudo o ensino de língua portuguesa, consiste numa ação que gera muitas incertezas sobre qual caminho se deve trilhar. Claro que ao mesmo tempo em que se evidencia um desejo de mudança, insiste-se na manutenção do respeito ao desenvolvimento de técnicas no âmbito da sala de aula. A mudança deve

sobretudo ser antecipada, partir do professor, porque somente o professor municiado de novas técnicas será capaz de ajudar a mudar a realidade dos seus alunos, não há documento ou teoria relacionada ao ensino que possa fazer com que 45 ou 50 alunos avancem sem um professor dotado de novo manancial de conteúdos e de materiais. O professor que se prepara tecnicamente terá “a chave” para apresentar meios para que o aluno amplie a sua competência linguística e o seu potencial crítico.

Salientamos que este Texto apresenta somente um estudo disponibilizado ao professor com duas pequenas atividades de trabalhos com as tirinhas, cuja finalidade seja exemplificadora, de iniciar uma reflexão sobre a utilidade dos Quadrinhos como gênero textual norteador do Ensino de Língua Portuguesa, no que se refere à leitura e à compreensão de texto; à construção do texto escrito; e ao trabalho com a língua falada. Porém, cabe a cada professor em sua prática pedagógica considerar, dentro da sua realidade local, maiores possibilidades para a aplicação de atividades mais envolventes.

Neste sentido, os Quadrinhos com as tirinhas podem constituir uma boa opção para despertar nos alunos o gosto e o prazer pela leitura, por ser a tira humorística também uma leitura curta, como que “de intervalo”. Constitui sim um gênero textual e é adequado para o trabalho de leitura, de interpretação e de análise linguística, enfatizando-se que a leitura, a compreensão e a ativação das inferências no texto são cruciais porque orientam o aluno para o aprendizado de técnicas de domínio do uso da sua língua portuguesa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. Trad. de Michel Laud. 6. ed. São Paulo: Hucitec, 1992.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *Educação em Língua Materna: A Sociolinguística na sala de aula*. São Paulo: Parábola, 2004.

BRASIL. Ministério de Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Terceiro e quarto ciclos do Ensino Fundamental – Língua Portuguesa*. V. 2. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CAGNIN, Antônio Luiz. *Os Quadrinhos*. São Paulo: Ática, 1975.

DOLZ, J.; SCHNEUWLY, B. Os Gêneros Escolares: Das práticas de linguagem aos objetos de ensino. In: SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. (Org.). *Gêneros Orais e Escritos na Escola*. Campinas: Mercado das Letras, 2004.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. 18. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola, 2008.

_____. Gêneros textuais: Definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, A. et al. *Gêneros textuais e ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

_____. Novas Perspectivas para o Ensino da Linguagem. *Plenária 2, III SIGET*, 17 a 19 de agosto de 2005, UFSM, RS, 2005.

_____. *Da Fala para a Escrita: Atividades de Retextualização*. São Paulo: Cortez, 2001.

MENDONÇA, Márcia. (Org.). *Gêneros: Por onde anda o Letramento?* Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

RAMA, Ângela; VERGUEIRO, Waldomiro (Org.). *Como usar histórias em quadrinhos na sala de aula*. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2006.

RAMOS, P. É Possível Ensinar Oralidade Usando Histórias em Quadrinhos?. *Revista Intercâmbio*, v. XV. São Paulo: LAEL/ PUC, 2006

VERGUEIRO, W. Uso das HQs no Ensino. In: RAMA, A.; VERGUEIRO, W. (Orgs). *Como usar as Histórias em Quadrinhos na Sala de Aula*. São Paulo: Contexto, 2007.